



SEÇÃO: ARTIGO

Um sidur para Saramago: de orações e personagens n'O evangelho segundo Jesus Cristo

A Siddur to Saramago: on Prayers and Characters in The Gospel According to Jesus Christ

Sara Grünhagen¹

orcid.org/0000-0002-9025-2687

sara.grunhagen@gmail.com

Recebido em: 10 set. 2020.

Aprovado em: 30 ago. 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

Resumo: N'O *evangelho segundo Jesus Cristo*, publicado em 1991, Saramago coloca orações judaicas na boca das suas personagens, como aquela, presente no Talmude, segundo a qual um homem deveria agradecer por não ser mulher. Neste trabalho busco analisar o modo como essas orações e outros textos judaicos são recuperados e trabalhados na narrativa, servindo para a construção das personagens, dos seus hábitos, da sua cultura e da sua religião. Como ocorre com a intertextualidade do romance com o texto bíblico, mais conhecida e estudada, a utilização dessas referências não é pacífica: Saramago busca, por exemplo, rever o lugar de subalternidade da mulher no tempo e espaço retratados. Procuro analisar a abordagem simultaneamente crítica, histórica e ficcional desses intertextos, que não deixam de ser valorizados por outras razões, como o seu caráter poético. Abordo, ainda, a maneira como esse diálogo pôde ser explorado por Saramago graças à ajuda e ao sidur de Sam Levy, uma figura importante para a história deste romance.

Palavras-chave: José Saramago. Intertextualidade. Judaísmo. Personagens. Subalternidade.

Abstract: In *The Gospel According to Jesus Christ*, published in 1991, Saramago puts Jewish prayers in the mouth of his characters, like the one present in the Talmud, according to which a man should be grateful for not being a woman. In this work I seek to analyze the way in which these prayers and other Jewish texts are quoted and treated in the narrative. I emphasize how they are used in the construction of the novel's characters, of their habits, their culture, and their religion. Similarly to the novel's intertextuality with the biblical text, which is better known and has been more studied, the use of these references is not without consequences: Saramago seeks, for example, to question the subalternity of women in the time and space portrayed. I analyze the novel's approach to these intertexts, which is simultaneously critical, historical, and fictional. Such references are equally valued for other reasons, such as their poetic features. I also discuss how Saramago was able to explore this dialogue thanks to the help and to the sidur lent by Sam Levy, an important figure to the history of this novel.

Keywords: José Saramago. Intertextuality. Judaism. Characters. Subalternity.

Zeferino Coelho enviou-me um recorte do *Diário de Notícias* com a notícia do falecimento de Sam Levy. Estimávamos muito este homem, Pilar e eu. Recordo a sua ajuda quando eu andava, como que de candeia na mão, a tentar penetrar nas obscuridades do universo de crenças dos judeus. Melhor que cem artigos de enciclopédia, serviu-me o «livro de orações» que então me emprestou, foi graças a esse livro que creio ter captado algum vislumbre mais essencial da mentalidade hebraica. Parte dos acertos psicológicos de *O evangelho segundo Jesus Cristo* é a Sam Levy que se devem (SARAMAGO, 1998, p. 154).



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Université Sorbonne Nouvelle, Paris, França; Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Saramago referiu-se mais de uma vez às "sábias e generosas ajudas" de Sam Levy quando "marcava passo no limiar do *Evangelho*" (SARAMAGO, 1996, p. 128), uma espécie de consultoria que lhe permitiu ter acesso a informações pontuais, nem sempre facilmente disponíveis, e de que resultou ainda uma compreensão sobre as origens do cristianismo e parte da sua herança judaica.² Em resumo, esse amigo contribuiu "em lo fundamental: en una base de información histórica sólida" (SARAMAGO apud ELIZALDE, [2005]).

Os romances de Saramago carregam dentro de si não só outros livros como a marca da história de pessoas específicas, com suas trajetórias únicas: à maneira dos camponeses por trás de *Levantado do chão* (1980), a quem o escritor dizia muito dever³, na gênese do *Evangelho* e da sua reconstituição histórica está uma figura com uma biografia fascinante que, numa perspectiva extraliterária, permite fazer uma ponte entre esse romance de Saramago e a história de Portugal, em especial a relação do país com o judaísmo – uma relação historicamente problemática, quando não violenta, de que Sam Levy poderia ter contado vários capítulos, dos mais sombrios a outros mais alegres e recentes.

Nascido em Esmirna, na Turquia, Samuel Algranti Levy (1912-1997) foi um judeu sefardita, isto é, seus ascendentes remontam às comunidades judaicas ibéricas expulsas de Portugal e Espanha no final do século XV e início do século XVI e que, tendo se instalado em outros países da Europa ocidental, do Norte da África, da Ásia Menor e da América, levaram consigo tradições e línguas, como o ladino, uma mistura de hebraico com o castelhano arcaico que foi transportado e preservado na bagagem dessa diáspora.⁴ Sam Levy mudou-se para Portugal ainda jovem, no início da década de 1940, trazendo de volta sua bagagem cultural sefardita e um desejo de reintegração:

consta que ele foi o primeiro a requerer e obter, mais do que a nacionalidade, o estatuto de português reintegrado (MUCZNIK, 1998, p. 10-11).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Sam Levy atuou em defesa de refugiados tanto na Espanha quanto na Itália, tendo tido igualmente um papel destacado para a França, o que levou o governo francês a homenageá-lo com o título de *Chevalier de l'ordre national du Mérite*. Sam Levy defendeu ativamente várias outras causas, foi presidente honorário da Comunidade Israelita de Lisboa, traduziu livros, entre os quais o *Cântico dos Cânticos*, e, desde 1997, dá nome a uma rua de Lisboa, referido como "humanista" (ASSOR, 2014, p. 49-63; LEVY, 1999, p. 5-11, 17-21).

Saramago cita uma obra específica emprestada por esse amigo culto e versado na língua e na cultura hebraica, assim como na tradição sefardita, aquela predominante na comunidade judaica de Lisboa: um livro de orações, um sidur, que será, como a Bíblia, citado no romance. Pode-se supor que se tratou de um sidur de rito sefaradi – em comparação, por exemplo, com o rito ashkenazi, de outro grande grupo judaico, que remonta a comunidades da Europa central e oriental e que se diferencia em termos de tradições, liturgias e mesmo de língua (outra pronúncia do hebraico e utilização do iídiche, por exemplo). Talvez Saramago tenha tido acesso a um sidur sefaradi em espanhol, sendo essa a língua predominante dos sidurim desse rito já traduzidos? É uma hipótese apenas; o acesso a esses livros não é generalizado, muitos são publicados em edições artesanais, no âmbito de comunidades religiosas relativamente pequenas (sem ISBN, portanto), e mesmo publicações de um dos precursores desse trabalho em Portugal, o capitão Barros Basto, ligado à comunidade judaica do Porto, há muito se tornaram raridades.⁵

² Em uma entrevista dada em Cuba, Saramago recorda Sam Levy como um amigo que "me ayudó a entender los orígenes del cristianismo, en particular en lo que tenía que ver con rituales, ritos, oraciones... Difícilmente habría podido llevar al libro esa sensación de realidad que él creó" (apud ELIZALDE, [2005]).

³ Veja-se o prefácio de Saramago para *Uma família do Alentejo*, de João Domingos Serra, que termina com: "o *Levantado do Chão* começou a ser escrito nesse dia [da leitura do texto de Serra], quando contraí uma dívida que nunca poderei pagar" (SARAMAGO, 2010, p. 13).

⁴ Para um panorama geral, ver os verbetes "Sephardim", de Singer e Kayserling (v. 11, p. 197-198), e "Judæo-spanish language (ladino)", de Gottheil e Kayserling (v. 7, p. 324-326), em Singer (1906).

⁵ Cohen compila a bibliografia do capitão Artur Carlos de Barros Basto (1887-1961), que atuou sobretudo no Porto, junto a criptojudes portugueses (COHEN, 2018, p. 65, 78-81). Dispersas em fascículos, alguns deles disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal, essas publicações não correspondem, porém, ao texto citado por Saramago.

Fato é que, como ocorre em outros casos, Saramago cita, no contexto da narrativa, um livro especial do futuro. Parte da intertextualidade do *Evangelho* o situa na recepção e no interesse pelo ressurgimento, em Portugal, de uma cultura ainda pouco conhecida, mas cuja história está intrinsecamente ligada ao País e que nele só ganhou mais espaço e reconhecimento a partir da segunda metade do século XX. Esse interesse e essa recuperação de orações e de outros aspectos da cultura judaica não significam, claro está, uma adesão narrativa. Como acontece com os textos bíblicos citados, o narrador vai confrontar, ironizar e brincar com seus intertextos de origem hebraica, e analisar esse jogo intertextual específico é um dos objetivos deste trabalho, que parte da definição de intertextualidade formulada por Genette, afinando o conceito mais amplo inicialmente introduzido por Kristeva (1967, p. 440-441): em Saramago, como se verá, a intertextualidade implica "uma relação de copresença entre dois ou mais textos" e, com maior frequência, "a presença efetiva de um texto em outro" (GENETTE, 1982, p. 8).⁶

A marcada apropriação de outros textos no romance que interessa a este estudo vai contribuir ainda para a construção de algumas das personagens do livro, e entender tal processo narrativo é o segundo objetivo desta análise. Trata-se de mostrar o quanto as orações judaicas, em especial, permitem não só uma imersão em um tempo e em uma cultura específicos como também a problematização de ambos: destaca-se, nesse sentido, o modo como o *Evangelho* serve-se de um intertexto para enfatizar o lugar histórico de subalternidade da mulher, para então reverter as posições sociais sendo recriadas, dando voz e protagonismo a personagens historicamente secundárias.

Sublinhe-se que a maior parte das orações citadas aparece no início do *Evangelho* e na boca de José, que surge na narrativa cumprindo ritos e refletindo sobre eles como se fosse um judeu (sefardita?) do futuro, uma sobreposição temporal

que a narrativa parece autorizar:

Em voz baixa, para não acordar a mulher, que continuava a dormir, pronunciou a primeira bênção do dia, aquela que sempre deve ser dita quando se regressa do misterioso país do sono, Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que pelo poder da tua misericórdia, assim me restituís, viva e constante, a minha alma. Talvez por não se encontrar igualmente desperto em cada um dos seus cinco sentidos, se é que, então, nesta época de que vimos falando, não estavam as pessoas ainda a aprender alguns deles ou, pelo contrário, a perder outros que hoje nos seriam úteis, José olhava-se a si mesmo como se fosse acompanhando, a distância, a lenta ocupação do seu corpo por uma alma que aos poucos estivesse regressando, igual a fios de água que, avançando sinuosos pelos caminhos das regueiras, penetrassem a terra até às mais fundas raízes, transportando a seiva, depois, pelo interior dos caules e das folhas. E por ver quão trabalhoso era este regresso, olhando a mulher, a seu lado, teve um pensamento que o perturbou, que ela, ali adormecida, era verdadeiramente um corpo sem alma, que a alma não está presente no corpo que dorme, ou então não faz sentido que agradeçamos todos os dias a Deus por todos os dias no-la restituir quando acordamos, e nesta altura uma voz dentro de si perguntou, O que é que em nós sonha o que sonhamos, Porventura os sonhos são as lembranças que a alma tem do corpo, pensou a seguir, e isto era uma resposta (SARAMAGO, 2016, p. 19-20).

As orações correspondem a um conhecimento mais íntimo de uma religião, revelando algo tanto sobre a liturgia, própria do culto coletivo, quanto sobre a devoção privada: elas são uma parte importante da doutrina posta em prática, do modo como o cânone religioso é visto e vivido no dia a dia. Como forma de exegese e aplicação de preceitos bíblicos, elas foram igualmente institucionalizadas, compondo um outro *corpus* que, dependendo da tradição, também se tornou canônico, tendo sido em dado momento fixado e como tal mantido e repetido por gerações. Em outras palavras, as orações recitadas no romance de Saramago correspondem a uma segunda fase da religião judaica: aquela da literatura rabinica, posterior à Torá, isto é, aos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica. A primeira oração murmurada por José, hoje uma das favoritas do sidur, ensinada às

⁶ Salvo menção em contrário, as traduções são minhas. Do original: « une relation de coprésence entre deux ou plusieurs textes » e « la présence effective d'un texte dans un autre ».

crianças quando elas ainda são pequenas, é particularmente recente e data do final do século XVI.⁷

No entanto, se algumas formulações não têm mais do que alguns séculos, com frequência sua origem é remota e nem sempre datável. Certas orações provêm diretamente do Talmude (o estudo, ensino da Torá), e ali encontramos também o germe de outras preces que mais tarde viriam a ser elaboradas. O próprio Talmude baseia-se em parte numa tradição oral muito anterior à sua fixação escrita: seus tratados contêm seções da *Mishnah*, conhecida como a Torá Oral, acompanhadas, em sua maioria, pela *Gemara*, composta por textos rabínicos posteriores que analisam, comentam e expandem aspectos da *Mishnah*. Como interpretação oficial da lei e da doutrina, o Talmude é um livro crucial do judaísmo, sendo a referência principal o Talmude Babilônico, compilado entre os séculos III e VI d.C. – e, salvo menção em contrário, dele se trata sempre que se mencionar o Talmude neste trabalho. Acredita-se que o preceito para a primeira bênção do dia, chamada *Modeh Ani* ou “Graças te dou” – geralmente as orações são designadas pelas suas primeiras palavras –, pode ser encontrado no Talmude, que prescreve um ritual matutino com várias orações, a primeira delas sobre a restauração da alma: “Ao acordar, ele diz: Meu Deus, a alma que puseste em mim é pura. [...] Bendito sejas, Hashem, que restitui a alma ao corpo morto” (oração *Elohai Neshamah*, presente no tratado *Berachos* 60b).⁸

A vantagem da *Modeh Ani* é a sua brevidade e o fato de o nome do Senhor não ser pronunciado explicitamente, o que fez com que ela substituisse a *Elohai Neshamah* como primeira oração do dia, podendo ser dita antes mesmo de

se lavarem as mãos:⁹ é o caso de José. O rito de diferentes orações matinais do sidur, feitas em casa ou na sinagoga, é costurado e encenado no romance, ajudando a estruturar o início da narrativa e a apresentação das personagens: é primeiro pelas ações e reflexões de José que ficamos sabendo quem ele é, qual é a sua cultura e como ele a vive. Sua preocupação com a alma, se ela sai ou não do corpo, se essa seria a razão pela qual ele deveria começar o dia com aquela bênção, reflete ainda algo do raciocínio judaico e dos tratados de exegese rabínica, buscando explicações, justificando práticas – é um exercício de *Gemara*, de certa forma. Nisso estão os tais “acertos psicológicos” de que falou Saramago, pois o romance emula práticas e formas de raciocinar, dando autenticidade às suas personagens, mais marcadas por embates psicológicos do que por adjetivos e descrições físicas.¹⁰

Atento a detalhes, como a talha das abluções, e marcando gestos e repetições – Jesus, por exemplo, também irá pronunciar a *Modeh Ani* (ver Quadro 1) –, Saramago mostra o quanto “os judeus do tempo emitiam bênçãos aí umas trinta vezes ao dia” (SARAMAGO, 2016, p. 232). Na época da Torá Oral, o registro escrito dessas orações chegou a ser visto com desconfiança e demorou a ser feito, mas já então o rabino Meir (século II), um dos sábios mais importantes da *Mishnah*, entendia que uma pessoa deveria dizer cem bênçãos por dia (tratado *Menachos* 43b do Talmude).¹¹

Assim, um homem vivendo na Palestina por volta do primeiro século, chamasse ele José ou Jesus, fossem aquelas ou outras as suas palavras, seria já marcado por ritos de orações e por sua simbologia; ele poderia, mal abertos os olhos, bendizer “a Deus por aquelas coisas que sabe-

⁷ Ao menos data dessa época a referência mais antiga em que ela foi documentada: o *Seder ha-Yom*, de Moses ben Makhir, publicado em 1599 (GORDON, 1981, p. 71).

⁸ No original: “When he wakes, he says: My God, the soul You placed within me is pure. [...] Blessed are You, Hashem, Who restores souls to dead bodies”. Consultei a edição Schottenstein (SCHORR e MALINOWITZ, 2018). Baseei-me ainda no estudo de Dalia Marx (2006, p. 103-104, 112-117). A transcrição de termos hebraicos segue, portanto, o padrão das referências de língua inglesa utilizadas.

⁹ A *Elohai Neshamah* passou a ser recitada no serviço, ou culto, da manhã (*Shacharit*).

¹⁰ Por exemplo, ainda sobre José: “como perfeito judeu que se prezava de ser, tanto na teoria como na prática, jamais o carpinteiro pensaria em responder, usando da simples lógica ocidental [...], que se Roma não foi capaz de prever estas e outras hipóteses, então é porque está mal servida de legisladores e hermeneutas. [...] José demorou-se a pensar, buscando na sua cabeça o modo mais subtil de dar-lhe resposta, uma resposta que, demonstrando à assembleia reunida à volta do lume os seus dotes de argumentador, fosse, ao mesmo tempo, formalmente brilhante” (SARAMAGO, 2016, p. 56).

¹¹ Para mais informações sobre as bênçãos e os *Tannaim* (sábios mishnaicos) que as prescreveram, ver o verbete “Benedictions”, de Cyrus Adler e Kaufmann Kohler, em Singer (1906, v. 3, p. 8-12).

mos, haver-lhe restituído a alma, haver dado a inteligência ao galo" e mesmo "agradecer-lhe os orifícios e vasos existentes no organismo humano, providenciais no sentido absoluto da palavra, pois que sem eles" (SARAMAGO, 2016, p. 231). O preceito das duas últimas preces está igualmente indicado no Talmude: deve-se agradecer pelo discernimento do galo em diferenciar o dia da noite, oração que costuma ser recitada no serviço religioso da manhã (o *Shacharit*), e também pelos "orifícios e vasos [...] necessários à vida, que se um deles fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte" (SARAMAGO, 2016, p. 22), outra bênção da manhã (*Asher Yatsar*), que recupera as palavras do tratado *Berachos* 60b e que, segundo o mesmo Talmude, convém recitar sempre nas situações de necessidades fisiológicas – e, de novo, ela é destacada na rotina tanto de José quanto de Jesus.

Sem contar repetições e alusões à fórmula das preces – como "louvado sejas tu, Senhor, por isto, por aquilo, por aqueloutro" (SARAMAGO, 2016, p. 24) –, são citadas ao menos dez orações ao longo do romance, a metade delas no capítulo dois: além das duas bênçãos da manhã já indicadas (*Modeh Ani* e *Asher Yatsar*), temos cinco orações do *Shacharit*, incluindo aquela sobre o galo, uma oração para antes de partir o pão (*Hamotzi*), uma oração para antes de dormir (*Hamappil*) e uma oração pelos mortos (*Zidduk ha-Din*) – os respectivos trechos e referências são listados no Quadro 1. Duas orações geralmente recitadas no primeiro serviço religioso do dia têm uma importância particular para o desenvolvimento das personagens femininas de Saramago, aparecendo também logo no segundo capítulo:

[José] de pé no meio da casa, de mãos levantadas, olhando o teto, pronunciou aquela sobre todas terrível bênção, aos homens reservada, Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher. [...] Apenas, pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se

espera que seja sempre a voz. Louvado sejas tu, Senhor, que me fizestes conforme a tua vontade, ora, entre estas palavras e as outras, conhecidas e aclamadas, não há diferença nenhuma, repare-se. Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra, está patente que quem disse isto podia, afinal, ter dito aquilo (SARAMAGO, 2016, p. 25-26).

Além da conhecida resposta de Maria ao anjo quando da anunciação em Lucas (Lc. 1:38),¹² está em questão uma das três bênçãos destacadas no Talmude pelo rabino Meir, para quem um homem deveria dar graças a Deus por não ser gentio, por não ser mulher e por não ser escravo (*Menachos* 43b). Tais bênçãos já constam do primeiro sidur de que se tem notícia, o *Seder Rav Amram*, por Amram Gaon (século IX). Para os primeiros rabinos, elas faziam parte da devoção privada, associadas àquelas do tratado *Berachos* também recitadas por José, e só mais tarde elas foram incorporadas aos cultos da sinagoga: Saramago, portanto, com seu sidur moderno, faz uma viagem no tempo quando costura essas orações e as realoca para o lar de judeus piedosos.

Pode-se imaginar os debates que o agradecimento por não se ser mulher (e também gentio e escravo) gerou no próprio meio judaico sobretudo no último século, quando a conquista de direitos femininos em muitos casos obrigou a uma revisão de narrativas e preceitos por princípio imutáveis – e o mesmo vale para textos bíblicos cristãos.¹³ Uma postura hermenêutica recorrente foi a de tentar amenizar ou mesmo fazer o texto talmúdico dizer o seu contrário: tal oração, longe de rebaixar a mulher, a exaltaria, pois o homem tem mais mandamentos a cumprir e deve agradecer por isso, ao passo que a mulher estaria dispensada de algumas obrigações ritualísticas graças à sua superioridade espiritual.¹⁴

Alguns rabinos tentaram resolver os conflitos que surgiram indicando que as três orações deveriam ser apenas sussurradas ou então nem precisavam ser ditas; outros sidurim não ortodoxos propuseram alterações significativas, com

¹² Todas as referências bíblicas são feitas a partir da edição portuguesa dos Capuchinhos (1976).

¹³ A exemplo de algumas passagens das cartas de Paulo, também pouco populares hoje em dia, como 1 Tm. 2:11-14, sobre o lugar subalterno que a mulher deveria ocupar.

¹⁴ Kahn retrança a história da recepção dessas orações, citando, entre outros, um comentário do século XX (Munk, *World of Prayer*) segundo o qual "women are excused because the Torah has greater faith in her Jewish destiny and fears less for temptation in her sphere of activity" (KAHN, 2011, p. 110).

bênçãos iguais para homens e mulheres, que agradecem por terem sido feitos à imagem de Deus, por serem livres e por serem israelitas.¹⁵ Há até registros de sidurim raros que, datados do Renascimento e feitos para mulheres europeias – um deles provavelmente dado como presente de casamento para uma noiva –, invertem a fórmula da “terrível bênção”: dá-se graças a Deus “por me teres feito mulher” ou “por não me teres feito homem” (KAHN, 2011, p. 70).

Seja como for, Saramago baseia-se no texto da oração em si, e não no seu longo percurso exegetico, ainda que a sombra deste possa estar presente. À maneira do que ocorre muitas vezes na recuperação dos intertextos bíblicos, o romance como que se opõe a uma autoridade de interpretação – judaica ou cristã – que costuma estabelecer a chave de leitura padrão para os textos religiosos, não raro minimizando as suas premissas e os seus efeitos. Essa confrontação dá-se pelo uso do próprio texto bíblico ou talmúdico, e de maneira particular quando ele é efetivamente citado, sem ser reformulado, imitado ou exagerado: daí a importância de entender a citação enquanto tal e de perceber o modo como o narrador com frequência faz questão de sublinhá-la, num movimento de repensar o seu intertexto que, como já indicara Cerdeira (2000, p. 205), opera de dentro para fora.

A seleção e costura de citações é, portanto, essencial para a construção narrativa e para a configuração particular que Saramago dá às suas personagens, que passa também por um movimento de oposição. Percebe-se assim como, no referido trecho, a rendição de Maria aos designios divinos do texto de Lucas perde toda a sua áurea quando o narrador lembra, através de outra citação, o lugar marcadamente subalterno da mulher naquela sociedade. Esse será um ponto no qual o romance vai insistir, recorrendo a outras referências, que surgem em meio a embates domésticos, como quando José não sabe o que pensar diante das afirmações de Maria sobre a visita do anjo-mendigo:

Para José, como para qualquer varão daqueles tempos e lugares, era doutrina muito pertinente a que definia o mais sábio dos homens como aquele que melhor saiba pôr-se a coberto das artes e artimanhas femininas. Falar-lhes pouco e ouvi-las ainda menos é a divisa de todo o homem prudente que não tenha esquecido os avisos do rabi Josephat ben Yohanán, palavras sábias entre as que mais o sejam. À hora da morte se hão de pedir contas ao varão por cada conversa desnecessária que tiver tido com sua mulher. [...] [José] jurou no entanto a si mesmo não esquecer nunca as santas palavras do rabi seu homônimo, convém dizer que Josephat é o mesmo que José (SARAMAGO, 2016, p. 33-34).

A literatura rabinica citada não apresenta uma imagem lisonjeira da mulher, e o trecho em questão faz referência a um líder mencionado na *Mishnah*, no tratado *Pirke Aboth*, mais conhecido como “A ética dos Pais”. Aquele outro José, que viveu no século II a.C., exortou: “não fale muito com as mulheres”, ao que outros sábios acrescentaram: “aquele que fala demasiado com as mulheres atrai o mal para si e negligencia o estudo da Lei, e no final ele herdará a *Gehenna*” (Aboth 1:5, DANBY, 1993, p. 446).¹⁶ Ou seja, conversar demais com uma mulher era o caminho para a perdição, *Gehenna* equivalendo a uma espécie de purgatório.

A “desconfiança sistemática” que se deveria ter daquelas “artimanhas femininas” (SARAMAGO, 2016, p. 33) é explorada em mais de um momento na narrativa, como quando, na construção da personagem de Maria de Magdala, citam-se versos bíblicos que advertem sobre o perigo que a mulher representa:

Não havia dúvida, a túnica, mesmo para um leigo, era de prostituta, o corpo de bailarina, o riso de mulher leviana. Jesus, em aflição, pediu à sua memória que o socorresse com algumas apropriadas máximas do seu célebre homônimo e autor, Jesus, filho de Sira, e a memória serviu-o bem, murmurando-lhe discretamente, do lado de dentro do ouvido, Foge do encontro dum mulher leviana, para não caíres nas suas ciladas, e logo, Não andes muito com uma bailarina, não suceda que pereças por causa dos seus encantos, e finalmente, Nunca te entregues às prostitutas, para que não te percas a ti e aos teus haveres, perder-se este Jesus de agora bem poderá acontecer, sendo homem e tão novo, mas, quanto aos haveres, esses já sabemos que não correm perigo porque os não tem (SARAMAGO, 2016, p. 279).

¹⁵ Baseio-me, novamente, em Kahn (2011, p. 110-112), que cita nesse caso o *Sabbath and Festival Prayer Book*, editado em 1946 por Morris Silverman.

¹⁶ No original sendo citado: “talk not much with womankind” e “he that talks much with womankind brings evil upon himself and neglects the study of the Law and at the last will inherit Gehenna”.

O trecho indica a origem das citações: o livro de Ben Sira, que significa "filho de Sira", é também chamado, na Septuaginta, de "A Sabedoria de Jesus, filho de Sira" e, na Vulgata, de "Eclesiástico", que significa "Livro da Igreja". Datado do século II a.C., o livro deste outro Jesus é uma fonte importante para entender o judaísmo da época do Segundo Templo e o mundo no qual o Jesus do Novo Testamento teria vivido.¹⁷ O texto revela uma visão bastante conservadora, e em diversos trechos a imagem da mulher transmitida corresponde ao que hoje, anacronicamente, chamaríamos de misógina. É com essa prostituta sedutora do Antigo Testamento, associada à imagem da moderna *femme fatale*, que o narrador do *Evangelho* vai jogar: os conselhos de que Jesus se recorda correspondem a três versículos de Ben Sira (Ecli. 9:3, 4 e 6).

Note-se que o perigo que a mulher – prostituta, adúltera ou simplesmente mulher – representa para o homem e seus bens é uma imagem bíblica recorrente, que aparece em advertências do livro de Provérbios,¹⁸ em que temos a famosa narrativa de sedução de um jovem rapaz por uma "mulher estranha" (Pv. 7:6-27). Essa narrativa é uma referência importante na construção do episódio de Jesus com Maria de Magdala, sendo também citada: o lugar em que eles se deitam "é um verdadeiro leito como o outro de que alguém disse, Adornei a minha cama com cobertas, com colchas bordadas de linho do Egito, perfumei o meu leito com mirra, aloés e cinamomo" (SARAMAGO, 2016, p. 282, citando Pv. 7:16-17).

As advertências e os provérbios bíblicos perdem, porém, o seu sentido temerário no relacionamento que Jesus constrói com Maria de Magdala, operando-se uma dupla inversão: ela não apenas vai ocupar o lugar de mestre, ensinando a Jesus os mistérios do corpo, como, longe de ser a causa da sua perdição, ainda lhe deixa um "patrimônio", dando-lhe secretamente vinte moedas que Jesus só vai descobrir que recebeu quando retorna a Nazaré (SARAMAGO, 2016, p. 294). Maria de Magdala é uma das personagens mais descritas no romance, aparecendo desde

o primeiro capítulo; nele, seu tema é, como indica Bridi, o de maior duração (1998, p. 125). Para Saramago, a relação de Maria de Magdala com Jesus não deveria ser lida como mera afronta ao texto bíblico: mais do que "contestar a ideia da castidade de Jesus, o que seria uma provocação banal", trata-se de "conferir e restituir à mulher o lugar que certas épocas nunca lhe reconheceram" (SARAMAGO apud VIEGAS, 1991, p. 34).

Nesse sentido, cabe um parêntesis para realçar o quanto, em mais de um romance, Saramago propõe uma reflexão sobre a subalternidade. Categoria introduzida por Gramsci (2002, p. 131-45) e ponto de partida para análises diversas, inclusive literárias, empreendidas por estudos dedicados ao conceito (SPIVAK, 1987, p. 241-68), o subalterno revela-se uma preocupação recorrente da obra de Saramago, que tem um gosto particular por criar narrativas em torno de personagens secundárias da História, tenham elas ou não embasamento em figuras históricas. Tal aspecto já foi tratado, por exemplo, por Sabine, que analisa algumas obras do escritor português a partir da teoria marxista, chamando a atenção para as "histórias subalternas reprimidas" ("suppressed subaltern histories") presentes nos romances dos anos 1980 (SABINE, 2016, p. 3, 118).

Várias personagens destacam-se no conjunto da obra de Saramago, a começar pelos camponeses do já mencionado *Levantado do chão*, talvez uma das mais emblemáticas criações literárias que põem em cena todo um grupo social lutando para ter voz e direitos. Em *Memorial do convento* (1982), surge a inesquecível Blimunda, que ocupa um lugar especial na série de personagens femininas marcantes criadas pelo escritor português, não raro definidas por sua classe, por sua profissão ou mesmo por sua relação com um homem: é o caso ainda da mulher a dias Lídia, de *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), da mulher do médico de *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004), da Lilith de *Caim* (2009), entre outras. Funcionários ou empregados de tempos e classes diferentes, todos eles invisíveis no meio

¹⁷ Para uma análise mais detalhada, ver Newsom (2010, p. 1457-1459).

¹⁸ Como "o que alimenta meretrizes, dissipa a sua fortuna" (Pv. 29:3).

a que pertencem, compõem um terceiro exemplo da figura subalterna recorrente deste universo ficcional: pense-se em Raimundo Silva, o revisor de provas de *História do cerco de Lisboa* (1989), no Sr. José de *Todos os Nomes* (1997), e em Subhro, o cornaca indiano de *A viagem do elefante* (2008).

Na construção destas e outras personagens presentes na obra de Saramago, é interessante notar o modo como abundam na narrativa citações de origem diversa, da Bíblia a provérbios populares, de textos históricos a jornais etc.: o discurso que oprime algumas daquelas figuras subalternas, que as molda inclusive como personagens sociais, é, com frequência, diretamente recuperado, permitindo à narrativa subvertê-lo, ironizá-lo e transformá-lo naquele movimento já indicado que vai de dentro para fora. O *Evangelho* é emblemático desse procedimento e, voltando à construção específica de Maria de Magdala, percebe-se o quanto a sua valorização, como mulher à frente do seu tempo, se potencializa justamente pela via da recuperação de e oposição a textos como os de Ben Sira e Provérbios, que refletem a tradição judaica e, de maneira mais marcante no primeiro caso, a mentalidade da época de Jesus.

Os traços disso que poderíamos chamar personagens de época são, portanto, intertextualmente construídos desde o início do *Evangelho*: as mulheres sendo apresentadas como inferiores, subalternas, perigosas; os homens surgindo como figuras de autoridade, dotados de um privilégio inato. Em oposição a isso, Saramago vai dar um contorno marcado às suas personagens femininas que, como nos outros romances citados, são mulheres fortes, sábias, insubmissas e eloquentes. Maria de Magdala encarna todos os perigos que a mulher representaria, tornando-se, como se disse, mestre e protagonista. Também Maria, a mãe de Jesus, desenvolve-se particularmente em oposição aos intertextos religiosos e ao que se esperaria dela. Além de ser mulher e de como mulher conceber seus filhos, ela tem uma profissão no romance, ela é cardadora de lã e vai ser a provedora do lar depois da morte de José.

Interessada na educação dos filhos e na sua própria, ela aprende rápido e bem, ainda que as condições não lhe sejam favoráveis:

Todas as manhãs, logo ao nascer do dia, a mãe levava-o ao encarregado da sinagoga [...]. A lição acabava pela hora sexta, que era o nosso meio-dia de agora. Maria já estava à espera do filho, e, coitada, não podia perguntar-lhe como ia nos aproveitamentos, nem esse simples direito ela tem, pois lá diz a máxima terminante do sábio, Melhor fora que a Lei perecesse nas chamas do que entregarem-na às mulheres, também não devendo ser esquecida a probabilidade de que o filho, já razoavelmente informado sobre o verdadeiro lugar das mulheres no mundo, incluindo as mães, lhe desse uma resposta torta, daquelas capazes de reduzir uma pessoa à insignificância [...]. Quando Jesus entrava em casa, o pai perguntava-lhe, Que foi que aprendeste hoje, e o menino, que tivera a sorte de nascer com uma excelente memória, repetia tintim por tintim, sem falhas, a lição do mestre [...]. Posta de lado, era por esta maneira que Maria ia tomando conhecimento do que não podia perguntar, trata-se de um método antigo das mulheres, aperfeiçoado em séculos e milênios de prática, quando não as autorizam a averiguar por sua conta põem-se a ouvir, e em pouco tempo sabem tudo, chegando até, o que é o cúmulo da sabedoria, a separar o falso do verdadeiro (SARAMAGO, 2016, p. 132-133).

Aqui está em questão o Talmude Jerusalémico, que registra as palavras do rabino Eliezer, outro dos mais proeminentes da *Mishnah*, tendo vivido entre os séculos I e II. Para esse sábio, a sabedoria das mulheres limitava-se à sua habilidade manual, e uma tragédia era preferível à instrução delas.¹⁹ Maria, afinal, domina essas e outras sabedorias. Numa conversa imaginada por José, ela poderia se referir ao conhecimento da lei e dele se servir para ganhar na discussão, mesmo que os preceitos daquela não tivessem sido estabelecidos em seu benefício: ela "responderia, firme na sua razão, Em tudo, assim me disseram que está escrito na lei, a mulher deverá ao marido respeito e obediência, portanto não torno a dizer que esse homem não ia ao meu lado, sustentando tu o contrário, afirmo apenas que não o vi" (SARAMAGO, 2016, p. 69). O discurso que oprime Maria é assim usado e transformado pela própria personagem para que a sua voz e a sua narrativa se façam ouvir.

¹⁹ "The wisdom of a woman is only in her spinning rod [...]. May the words of the Torah be burned and not be delivered to women!" (Sotah 3:4, GUGGENHEIMER, 2005, p. 148).

Outras citações de textos religiosos de tradição judaica e cristã intervêm ao longo do romance, do Talmude aos apócrifos, estes últimos exercendo igualmente um papel importante para a construção de Maria e de outras personagens. O objetivo aqui foi destacar aqueles próprios da doutrina e do rito judaicos: o *Evangelho* tem o sidur emprestado por Sam Levy, como tem palavras severas de sábios de outra era. No entanto, nem todos esses textos doutrinários e ritualísticos são recuperados a partir de uma lente crítica, como também ocorre com o material bíblico: a utilização de uns e outros é uma forma de voltar no tempo, de tentar entender aquilo que era constitutivo das personagens do passado, de falar de injustiças antigas e presentes, de buscar reinventar narrativas que não deixam de ter os seus aspectos cômicos, poéticos, pungentes. Assim, ao reiterado agradecimento pelos orifícios do corpo soma-se a longa e pictórica oração para antes de dormir, que começa com:

Louvido sejas tu, Deus nosso, rei do universo, que fazes cair as ataduras do sono sobre os meus olhos e o torpor sobre as minhas pálpebras, e que às minhas pupilas não retiras a luz. Seja da tua vontade, Senhor, meu Deus, que agora me deite em paz e amanhã possa acordar para uma vida feliz e pacífica, consente que me aplique no cumprimento dos teus preceitos e não me deixes acostumar a ato algum de transgressão (SARAMAGO, 2016, p. 58-59).

Às orações que marcam o compasso da rotina somam-se ainda versículos transformados em preces fúnebres, costurando-se alguns dos versos mais poéticos da Bíblia Hebraica sobre a tragédia da vida e da morte:

Senhor, que é o homem para que te interesses por ele, que é o filho do homem para que com ele te preocupes, o homem é semelhante a um sopro, os seus dias passam como a sombra [Sl. 144:3-4], qual é o homem que vive e que não

vê a morte, ou poupa a sua alma escapando à sepultura [Sl. 89:49], o homem nascido de mulher é escasso de dias e farto de inquietação, aparece como a flor e como ela é cortada, vai como vai a sombra e não permanece [Jó 14:1-2], que é o homem para que te lembres dele, e o filho do homem para que o visites [...]. Porém, lembra-te de que pouco menor fizeste o homem do que os anjos, e de glória e honra o coroaste [Sl. 8:5-6] (SARAMAGO, 2016, p. 172).

Sabe-se, enfim, o quanto o *Evangelho* foi rotulado como herético por certa recepção católica, em meio às polémicas que se seguiram à publicação do livro em Portugal no final de 1991, resultando na sua exclusão da lista dos concorrentes ao Prêmio Literário Europeu (o *Aristeion Prize*), em 1992, com consequências ainda para a vida pessoal do escritor, que após o episódio mudou-se para Lanzarote. A história desta recepção é conhecida e já foi mais de uma vez analisada (ver, por exemplo, MACHADO, 2012)²⁰, mas é curioso notar como, desde o lançamento do romance, mal se falou sobre este outro *corpus* de textos religiosos judaicos também presentes no romance, alvos de uma mesma abordagem simultaneamente crítica, histórica e ficcional. Se ele for levado em conta, conviria utilizar outro adjetivo, pois a costura final do romance é ecumênica, congregando e recriando narrativas, ritos e doutrinas diferentes, ou que historicamente se fizeram muito diferentes. Sam Levy marcou a história de Saramago e desse livro também pela sua cultura universal, não presa a dogmas e a deuses de uma só tradição; segundo o escritor, ele foi muito além do sidur: "temos em casa uma pequena cabeça de barro representando a deusa Afrodite, foi o que Sam Levy [...] quis oferecer-nos como testemunho de amizade. A nossa para com ele não era menor, mas não tínhamos tanto para dar-lhe" (SARAMAGO, 1998, p. 154)

²⁰ Aprofundo ainda esta história de polémicas e a série de publicações feitas em resposta ao livro de Saramago nos idos dos anos 1990, sobretudo por periódicos católicos, em "De manchetes e leituras: as polémicas e a recepção do *Evangelho*" (GRÜNHAGEN, 2021, p. 156-166).

Quadro 1 – Lista de orações presentes n'O evangelho segundo Jesus Cristo (SARAMAGO, 2016, grifos meus)

Cap.	Trecho do romance	Oração
2	"Em voz baixa, para não acordar a mulher, que continuava a dormir, pronunciou a primeira bênção do dia, aquela que sempre deve ser dita quando se regressa do misterioso país do sono, <i>Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que pelo poder da tua misericórdia, assim me restituís, viva e constante, a minha alma</i> " (p. 20). Jesus também irá recitar essa oração: "então, com uma solenidade maior, por serem proferidas, afinal, pela boca da criança que ainda é, disse as palavras da bênção, <i>Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que, pelo poder da tua misericórdia, assim me restituíste, viva e constante, a minha alma</i> " (cap. 13, p. 203).	<i>Modeh Ani</i> , a primeira bênção da manhã
2	"José sentou-se na esteira, afastou o lençol, e nesse momento o galo cantou segunda vez, lembrando-lhe que se encontrava em falta de uma bênção, aquela que se deve à parte de méritos que ao galo coube quando da distribuição que deles fez o Criador pelas suas criaturas, <i>Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que deste ao galo inteligência para distinguir o dia da noite</i> , isto disse José, e o galo cantou terceira vez" (p. 21).	Oração do <i>Shacharit</i> , o serviço religioso da manhã
2	"José aproximou-se da talha das abluções, inclinou-a, fez correr a água sobre as mãos, e depois, enquanto as enxugava na própria túnica, louvou a Deus por, em sua <i>sabedoria</i> infinita, ter formado e <i>criado no homem os orifícios e vasos</i> que lhe são necessários à vida, <i>que se um deles fechasse ou abrisse, não devendo, certa teria o homem a sua morte</i> " (p. 22). Essa oração volta a ser destacada no cap. 15, quando Jesus estranha que "não tivesse Pastor procedido como ele procedera, bendizendo a Deus por aquelas coisas que sabemos, haver-lhe restituído a alma, haver dado a inteligência ao galo, e, porque tivera precisão de ir atrás daquela fraga a mijar e dar de corpo, agradecer-lhe os orifícios e vasos existentes no organismo humano, providenciais no sentido absoluto da palavra, pois que sem eles" (p. 231). No mesmo trecho, consta que "os judeus do tempo emitiam bênçãos aí umas trinta vezes ao dia" (p. 232).	<i>Asher Yatsar</i> , incluída entre as bênçãos da manhã
2	"A sua boca [de José] proferiu em voz forte os louvores devidos ao criador das obras da natureza, quando a sempiterna majestade dos céus, tendo-se tornado pura inefabilidade, não pode esperar do homem mais do que as palavras mais simples, <i>Louvado sejas tu, Senhor, por isto, por aquilo, por aqueloutro</i> " (p. 24).	-
2	José "pronunciou aquela sobre todas terrível bênção, aos homens reservada, <i>Louvado sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher</i> . [...] Apenas, pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se espera que seja sempre a voz, <i>Louvado sejas tu, Senhor, que me fizestes conforme a tua vontade</i> " (p. 25).	Duas orações do <i>Shacharit</i>
3	Ao partir o pão, Maria "dissera, como está escrito na lei, porém no tom modesto que convém à mulher, <i>Louvado sejas tu, Adonai, nosso Deus, rei do universo, que fazes sair o pão da terra</i> " (p. 33).	<i>Hamotzi</i> , para antes de partir o pão
5	"No momento em que iam pôr o pé na estrada, os homens, em coro solene, altearam a voz para proferir as bênçãos próprias da circunstância, repetindo-as as mulheres discretamente, quase em surdina, como quem aprendeu que não ganha nada em clamar quem de ser ouvido poucas esperanças tenha, mesmo quando não pediu nem pedirá, e tudo esteja louvando" (p. 53).	-

Cap.	Trecho do romance	Oração
5	"Os viajantes de Nazaré [...] entoaram em voz baixa, mas ruidosamente sendo tantos, a última e a mais longa de quantas bênçãos ao Senhor vão encaminhadas no decurso do dia, e que assim reza, <i>Louvado sejas tu, Deus nosso, rei do universo, que fazes cair as ataduras do sono sobre os meus olhos e o torpor sobre as minhas pálpebras, e que às minhas pupilas não retiras a luz. Seja da tua vontade, Senhor, meu Deus, que agora me deite em paz e amanhã possa acordar para uma vida feliz e pacífica, consente que me aplique no cumprimento dos teus preceitos e não me deixes acostumar a ato algum de transgressão. Não permitas que caia em poder do pecado, da tentação, nem da vergonha. Faz com que em mim tenham vencimento as boas inclinações, não deixes que tenham poder sobre mim as más. Livra-me das ruins inclinações e das doenças mortais não seja que eu sonhe com a Morte</i> " (p. 58-59).	Hamappil, para antes de dormir
12	Jesus, diante do corpo morto do pai, ora: "a sua voz, fina, vibrante, ouviu-se por cima das outras quando entoou, <i>Bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que com justiça te criou, que com justiça te manteve a vida, que com justiça te alimentou, que com justiça te fez conhecer o mundo, que com justiça te há de fazer ressurgir, bendito sejas tu, Senhor, que os mortos ressuscitas</i> " (p. 173).	Zidduk ha-Din, oração pelos mortos
13	"Despediu-se Jesus e partiu, levando nos ouvidos a última palavra proferida pelo dono da casa, foi ela, <i>Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que diriges os passos do homem</i> , ao que ele respondera abençoando aquele mesmo Senhor, Deus e Rei <i>que provê a todas as necessidades</i> " (p. 198).	Duas orações do Shacharit

Referências

- ASSOR, Miriam. *Judeus ilustres de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014.
- BÍBLIA SAGRADA. Lisboa: Difusora Bíblica, 1976. Versão portuguesa preparada a partir de textos originais pelos Rev. Padres Capuchinhos.
- BRIDI, Marlise Vaz. O evangelho de Saramago: paixão de Cristo em perspectiva. In: LOPONDO, Lilian (org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 111-130.
- CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado: ensaios de literatura*. Lisboa: Caminho, 2000.
- COHEN, Dov. Uma aproximação à atividade literária do Capitão Barros Basto. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, Lisboa, v. 18, p. 61-98, 2018.
- DANBY, Herbert (org.). *The Mishnah*. Nova York: OUP, 1933.
- ELIZALDE, Rosa Miriam. José Saramago: Cuba irradia solidariedad. *Cubadebate*, 19 jun. 2005. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/opinion/2005/06/19/jose-saramago-cuba-irradia-solidaridad>. Acesso em: 10 set. 2020.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.
- GORDON, Martin L. Netilat Yadayim Shel Shaharit: Ritual of Crisis or Dedication? *Gesher: Yeshiva University Journal of Jewish Studies*, Nova York, v. 8, p. 36-72, 1981.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 5.
- GRÜNHAGEN, Sara. *A cor dos cabelos de Deus: intertextualidade, intermedialidade e metalepse em José Saramago*. 2021. Tese (Doutoramento em Literatura Portuguesa) em cotutela – Sorbonne Nouvelle/Universidade de Coimbra, Paris/Coimbra, 2021.
- GUGGENHEIMER, Heinrich W. (org.). *The Jerusalem Talmud: Third Order*. Berlim: Walter de Gruyter, 2005.
- KAHN, Yoel. *The Three Blessings: Boundaries, Censorship, and Identity in Jewish Liturgy*. Nova York: OUP, 2011.
- KRISTEVA, Julia. Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. *Critique*, Paris, n. 239, p. 438-465, 1967.
- LEVY, André (org.). *Sam Levy: humanista, 1912-1997*. Lisboa: Câmara Municipal, 1999.
- MACHADO, José Barbosa. *Estudos de Literatura e Cultura Portuguesas*. Braga: Edições Vercial, 2012. E-book.
- MARX, Dalia. The Morning Ritual in the Talmud: The Reconstitution of One's Body and Personal Identity through the Blessings. *Hebrew Union College Annual*, Jerusalém, v. 77, 2006. p. 103-129.
- MUCZNIK, Esther. Sam Levy: história de uma reintegração. *Revista de Estudos Judaicos*. Lisboa, n. 4, 1998. p. 10-11.
- NEWSOM, Carol. Ecclesiasticus, or the Wisdom of Jesus, son of Sirach. In: COOGAN, Michael (org.). *The New Oxford Annotated Bible with the Apocrypha*. 4. ed. Nova York: OUP, 2010. p. 1457-1459.
- SABINE, Mark. *José Saramago: History, Utopia, and the Necessity of Error*. Oxford: Legenda, 2016.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote: diário III*. Lisboa: Caminho, 1996.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote: diário V*. Lisboa: Caminho, 1998.

SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. 35. ed. Porto: Porto Editora, 2016.

SARAMAGO, José. Prefácio. In: SERRA, João Domingos. *Uma família do Alentejo*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2010. p. 7-13.

SCHORR, Yisroel Simcha; MALINOWITZ, Chaim (org.). *Talmud Bavli: Tractate Berachos*. The Schottenstein Daf Yomi Edition. The Artscroll Series. Nova York: Mesorah Publications, 2018. v. II.

SINGER, Isidore (org.). *The Jewish Encyclopedia*. Nova York: Funk and Wagnalls, 1906. 12 v. Disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com>. Acesso em: 10 set. 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *In Other Worlds: Essays in Cultural Politics*. Nova York: Methuen, 1987.

VIEGAS, Francisco José. Uma biografia de Jesus, segundo José Saramago. *Revista Ler*, Lisboa, n. 16, p. 26-34, 1991.

Sara Grünhagen

Doutora em Literatura Portuguesa pela Université Sorbonne Nouvelle, em cotutela com a Universidade de Coimbra. Leciona na Université Sorbonne Nouvelle, em Paris, França.

Endereço para correspondência

Sara Grünhagen
Université Sorbonne Nouvelle
13 rue Santeuil
75231 – Paris Cedex 05
France

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.